



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: NECROPOLÍTICA E LUTA POR RECONHECIMENTO

HERMANA CECÍLIA OLIVEIRA FERREIRA¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir processos societários que engendram artefatos da modernidade e marcadores sociais da diferença na interface entre classe, raça e gênero, incluindo processos mais amplos sobre discriminação racial e necropolítica. Assim, o trabalho de interpretação sociológica presente no texto aborda questões relacionadas à produção de classificações, entendimentos hegemônicos e disputas morais, entre grupos sociais hegemônicos, segregados – constitutivos do espaço urbano a partir da especificidade que abrigam as relações raciais no Brasil. Por fim, e na tentativa de relacionar conceitos a partir das contribuições teóricas de Mbembe (2018) e Honneth (2003), a discussão aborda pressupostos epistemológicos das teorias do Sul-global e de perspectiva decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: necropolítica; segregação racial no Brasil; luta por reconhecimento; juventude negra; estudos decoloniais.

INTRODUÇÃO

O racismo é um processo de implementação histórico-colonial que desempenha na contemporaneidade certa centralidade na experiência social brasileira. De acordo com esta afirmativa, observa-se que a juventude negra e periférica do Brasil contemporâneo está inserida em alguns indicadores² de exclusão aos pressupostos da cidadania, e relacionada a processos de violências física e simbólica vivenciadas pelas camadas mais desfavorecidas da sociedade. Um exemplo desses indicadores é o Mapa da Violência.

Segundo Almeida (2019:27) o racismo institucional se pratica pelo fato de que as instituições: enquanto o somatório de normas, padrões e técnicas de controle, condicionam o comportamento dos indivíduos, resultam em conflitos e lutas pelo monopólio do poder social; enquanto parte da sociedade, as instituições também carregam em si os conflitos existentes na sociedade. Em outras palavras, as instituições também são atravessadas internamente por lutas entre indivíduos e grupos que querem assumir o controle da instituição. Neste sentido, a existência de um racismo institucional

¹Metre e Doutoranda em Sociologia pelo PPGS/UFPB. E-mail: hermanacof@gmail.com

² 11 estados não divulgam dados completos de raça de mortos pela polícia; números disponíveis mostram que mais de 80% das vítimas são negras | Monitor da Violência | G1 (globo.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

revela que os conflitos raciais também são parte das instituições, e a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos.

De acordo com isto, índices de mortalidade; a violência e vigilância que acometem essa juventude nos espaços urbanos e em seus “rolezinhos”; através de projetos de lei para redução da maioridade penal no Brasil de dezoito para dezesseis anos; a repressão e o estigma sobre suas formas de sociabilidade; tipos de consumo; processos que envolvem direito à cidade; residências próximas a regiões de tráfico de drogas ilícitas; falta de proteção pelos direitos humanos, da criança e do adolescente; superexploração de suas imagens por programas policiais além das infrações aos direitos humanos; e o encarceramento em massa de pessoas negras se somam ao racismo estrutural da sociedade brasileira que atualmente promove um dos mais altos índices de encarceramento em massa³ do mundo.

Segundo Borges (2019:19), o Brasil tem, pelos dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), a terceira maior população prisional do mundo, tendo deixado a Rússia em 4º lugar em junho de 2016.

Juliana Borges (2019). Encarceramento em Massa. Feminismos Plurais Para a autora, o sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, de modo que os processos associados a este indicador têm interferido na integridade e dignidade humana, principalmente em processos que envolvem depreciação valorativa e moral, dentre outros processos simbólicos e de interação social.

A relação de pressupostos da violência cotidiana vivenciada por estes grupos, interfere em processos de autorreconhecimento de indivíduos pertencentes a grupos minoritários e estratos sociais desfavorecidos de maneira particular, o que nos leva a incluir



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

sociologicamente este grupo dentre os indivíduos pertencentes à subcidadania³. Adentrando a opinião pública e agendas midiáticas da maioria das cidades do país, elementos morais e segregacionistas relacionam experiências e fatos que envolvem este recorte social ao repertório de categorias e classificações sobre o medo, desvio e criminalidade, constantemente associados às pessoas negras, com destaque para a juventude das periferias. É justamente este entrelaçamento entre: o que é produzido simbólica e valor ativamente e; os resultados fáticos sobre os corpos dos indivíduos e populações negras do país, que este trabalho busca abordar.

Mídia de Massa: alguns dos efeitos do jornalismo policiaisco no Brasil

Diante deste cenário, observamos o modo como a condição de vida da juventude negra e periférica das cidades brasileiras tem sido retratada midiaticamente, resultando em processos de exclusão, estigmatização social, segregação e genocídio. Logo, encontrando ressonância teórica junto à problemática social, as teorias sobre luta por reconhecimento, e, necropolítica, a partir das teorias de Axel Honneth (2003) e Achille Mbembe (2018), a discussão caminhará a partir deste arcabouço conceitual para a compreensão da realidade no que toca aos processos de autorreconhecimento a partir de identidades marginalizadas e periféricas, e apesar da necropolítica implementada pela opinião pública, pela indústria cultural dos programas policiais, e pelo racismo estrutural das instituições.

No ano de 2012, surgiu em João Pessoa uma nova palavra para classificar os jovens de periferia. “Môff” é uma expressão local que concretiza um conjunto de tensões e estigmas. Difundida a partir do programa policiaisco ‘Correio Verdade’ esta categoria tem servido para se referir a meninos negros e pobres em situações de desvio. Amplamente disseminada junto com o medo associado às notícias narradas nos

³ Através do trabalho de Jessé Souza (2006) é possível se aproximar dos *elementos morais da experiência de subcidadania no Brasil contemporâneo*, elaborando uma relação entre subcidadania e produção de uma gramática moral sobre a experiência social da juventude da cidade a partir da condição de pobreza.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

programas sobre violência, a palavra foi constituída a partir de um conjunto de arranjos sociais sobre uma expressão regional que se refere à ideia de meu filho – môfi.

Assim, o uso do termo adquiriu abrangência quando o repórter principal do programa, que atualmente se autointitula Emerson Môfi, abordava jovens em suas entrevistas, utilizando-se do vocativo:

“Môfi não tem vergonha não?”.

Deste modo, o surgimento do termo abriga uma série de repercussões e expõe o tratamento midiático dado a um segmento populacional da cidade – aqueles que vivem a experiência social da ‘subcidadania’. Os môfis de João Pessoa estão inseridos na parcela da população brasileira que Jessé Souza (2009:21) entende como ralé, sempre esquecida na sua gênese e destino comuns, essa parcela da população só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos⁴.

É importante também dizer que os resultados da segregação possibilitada pela desigual distribuição dos meios materiais e simbólicos da vida social entre diferentes estratos da sociedade brasileira estão refletidos na interação cotidiana entre esses mesmos estratos. A partir dos môfis de João Pessoa, é possível observar a conexão entre os conflitos de ordem moral da luta de classes, incluindo interfaces com outros marcadores de diferença, dentre estes: gênero, raça e geração.

Erving Goffman (1974) nos traz o conceito de estigma para discutir a produção social de identidades deterioradas. Este conceito, por sua vez, encontra ressonância com a experiência social do grupo estudado porque os jovens pobres expostos no programa televisivo que deu origem ao termo “môfi” costumam ser identificados e, algumas vezes, expulsos dos ambientes de ampla circulação urbana, a exemplo do transporte público e de alguns shoppings centers da cidade.

⁴ Estes dados foram estudados a partir da pesquisa para dissertação de mestrado defendida em 2018, na Universidade Federal da Paraíba.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Diante disto, analisa-se a produção midiática do *môfi* como uma produção particular de estigma através de um bordão televisivo que transcende a mídia de massa e coloniza o imaginário dos cidadãos. A partir deste processo, a tipologia social dos jovens de periferia passa a organizar a interação entre diferentes grupos sociais na cidade, identificando o que é o *môfi* partir dos sinais diacríticos raciais e de subcidadania.

Indústria Cultural e Artefatos da Modernidade

A partir da teoria crítica encontramos os conceitos de *reificação* e *coisificação*, ambos relacionados à capacidade dos indivíduos de transformar relações sociais em coisas externas aos indivíduos, independentes destes e, coercitivamente a estes. Este processo está relacionado ao deslumbramento social⁵ promovido pelas massas e pelo estilo de vida das metrópoles.

Para Adorno e Horkheimer (2000:185), o deslumbramento promovido pela técnica distancia os indivíduos da individualidade e subjetividade necessárias à avaliação moral. O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo — que desaparece tão logo se dirige a faculdade pensante —, mas por meio dos sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada.

Assim, a partir do conceito de indústria cultural, Adorno e Horkheimer (2000: 32) lançam luz sobre com, na modernidade, a arte e outros elementos da cultura são reificados e coisificados “*sob o véu da técnica*”.

A partir do entendimento de que os programas televisivos da cultura de massa funcionam enquanto artifícios ideológicos ao promover o deslumbramento das massas e mascarar o funcionamento da exploração na sociedade moderna e capitalista, nota-se uma

⁵ Assim como o deslumbramento promovido pela técnica, outros processos relacionados às emoções dos indivíduos, ao espírito da modernidade e à vida nas metrópoles, foram identificados por Simmel e Boltanski a respeito do comportamento blasé, e do sofrimento distante, respectivamente.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

correspondência entre artefatos prontos da modernidade ocidental, que incluem, racionalidade, e prerrogativas capitalistas com elementos simbólicos e valorativos de colonialidade, o que inclui formas de segregação racial.

Estes pressupostos ou artefatos, por sua vez, se apresentam, a partir dos juízos morais que os cidadãos fazem dos jovens de periferia a partir de nuances entre a moral hegemônica (que orienta as noções mais amplas de certo/errado, bom/ruim) entre o grupo dos estabelecidos, na disputa desses sentidos morais, com os grupos pauperizados da sociedade brasileira.

No que tange à realidade brasileira, para Jessé Souza (2009:21), a desigualdade social no Brasil é reproduzida através de ferramentas sutis de justificação moral, construindo determinações sobre quem merece e quem não merece os privilégios da cidadania. “Ela é reproduzida cotidianamente por meios “modernos”, especificamente “simbólicos”, muito diferentes do chicote do senhor de escravos ou do poder pessoal do dono de terra e gente, seja esta gente escrava ou livre, gente negra ou branca”.

De acordo com isto, compreende-se maneiras a partir das quais se configuram processos de discriminação pela condição de vulnerabilidade social de grupos estabelecidos em detrimento de grupos vulnerabilizados, como ocorre com a população negra no Brasil. Os subcidadãos, o que inclui a juventude negra e pobre do país estão, hoje, estritamente associados pela opinião pública a fatos cotidianos e processos de justificação das desigualdades, o que observamos, por exemplo, nos programas policiais dentre outros setores comunicativos, televisivos e midiáticos.

Para Hannah Arendt (1963), o fenômeno social percebido a partir da implementação de um Estado totalitário e que exterminou milhares de judeus pela Alemanha nazista, foi possível pelo aprofundamento de uma moral “doutrinamento de um mal radical” que transformou os indivíduos em sujeitos massificados, orientados por uma ideologia. Este esvaziamento da responsabilização individual por uma ética que converte a pessoa humana em coisa, acarretaria, portanto, segundo a filósofa, na rarefação da consciência, possibilitando a banalidade do mal.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Deste modo, a técnica própria da modernidade instaura nos indivíduos a incapacidade de refletir por si mesmos enquanto sujeitos autônomos e emancipados acerca de determinada realidade social. O pensamento dos teóricos da escola de Frankfurt se faz pertinente pela natureza do objeto de estudo aqui analisado: a desumanização de uma parcela da população pelo programa policiaisco se revela enquanto um dos resultados da coisificação e desumanização das condições de vida oriundas de relações desiguais entre indivíduos pertencentes aos diferentes estratos da sociedade. A vida das pessoas pobres passa, portanto, a ser exibida como um “apêndice do processo material de produção” (Adorno, 1954: 4).

O racismo apresentado enquanto grotesco televisivo

Para Muniz Sodré (1972:39), o grotesco parece ser um dos elementos básicos da cultura de massa produzida no Brasil. Segundo o autor, a organização das relações de produção engendra uma atmosfera psicossocial própria que se destina a perpetuar o seu tipo específico de relações humanas. “A cultura de massa – essencialmente política – é hoje o grande *medium* da atmosfera capitalista. No caso brasileiro, ela é também o espelho que reflete o id e os demônios da nossa estrutura”.

Ainda sobre a cultura de massa, Muniz Sodré (1972:17) ainda afirma que a parte cognitiva e a estética costumam situar-se em níveis muito superficiais com relação à cultura elevada. No entanto, a relação estética entre o consumidor e a obra é geralmente mais viva do que na cultura elevada atual. Isto porque existe maior participação psicoafetiva da parte do espectador – e toda relação estética é poderosa quando alimentada pela participação.

Sobre isto, a partir da pesquisa realizada no mestrado, foi possível identificar em um programa policial da mídia de massa local a exibição da “dança do môfi”. Na exibição ao vivo pela rede de televisão aberta do estado, todos os jovens que acompanham o



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

repórter na performance utilizavam bonés específicos e característicos: o principal sinal diacrítico da moda jovem, masculina e negra das periferias.

Neste programa, em específico, o môfi é o personagem representado midiaticamente que corresponde à juventude negra e periférica da cidade, tendo em vista a sátira aos elementos, que segundo Manuela Carneiro da Cunha (1986:97), são os sinais diacríticos da pobreza.

Além da jocosidade presente nos diálogos, suas falas possuem um tom moralizador que deprecia a imagem dos jovens de periferia, majoritariamente negros. Bonés, chinelos característicos (imitações dos chinelos da marca Kenner), todos os sinais diacríticos da moda da juventude que vive em condições de subcidadania, são, por sua vez, ridicularizados.

Neste sentido, Merton e Lazarsfeld (1990: 112) afirmam que a mídia de massa reforça as normas sociais através de uma exposição pública do que é moralmente tolerável ou não. As normas sociais publicizadas têm a função de constranger os indivíduos e, para os autores, as normas devem ser afirmadas e positivadas de maneira que fique claro seu posicionamento moral com relação à norma em questão.

A articulação discursiva do repórter contribui para com a definição do estilo do programa – produto, bem como, para a constituição de suas particularidades enquanto repórter diferencial. Em sua performance midiática, o uso de bordões, gírias e dancinhas ‘engraçadas’ fazem parte do conjunto que constitui o personagem que o repórter representa “no ar”. É a partir de diálogos como esse, mediatizados, assimétricos e previstos que se desenvolve a dialética discursiva do conflito moral através do qual se define as produções deste tipo de indústria cultural.

Segundo Foucault (2012:34) “o enunciado é um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar”. Deste modo, a linguagem utilizada pelos programas do meio dia funciona articulando elementos simbólicos – signos de uma identidade periférica.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Autointitulado “Emerson-môfi”, e conforme mencionado anteriormente, môfi significa a leitura contemporânea do que representa a juventude negra e periférica na cidade de João Pessoa, o repórter é um homem branco, com idade entre quarenta e cinquenta anos que tem como foco abordagens policiais e prisões em flagrante de jovens da periferia. Durante as entrevistas, costuma zombar os meninos em situação de delito, é a partir destes rituais de desumanização dos indivíduos da subcidadania que se desenvolve o caráter cômico de sua performance.

Juventude Negra no Brasil ou a construção de um inimigo em comum

Segundo Boltanski e Thévenot (1991; 1999), a classe dominante busca implementar uma composição discursiva que inclua as “ordens de grandeza” através do esforço de justificação. A “cité civique” (cidade cívica), que tem os valores da coletividade e da democracia; e a “cité industrielle” (cidade industrial) com seus da ciência, tecnologia e eficiência, incluindo também a “cité de l’opinion”, (cidade da opinião), de modo que a reputação e o reconhecimento dos atores sociais da dinâmica desempenham ações necessárias.

Em face deste argumento, e a partir do recurso heurístico utilizado, é possível realizar uma genealogia dos termos adjetivos de classificação morais de jovens e menores infratores, dentre estes, “punguista, trombadinha etc.”.

Alessandra Teixeira (2014) problematiza a representação do crime nas cidades brasileiras ao abordar o protagonismo ou a sujeição dos jovens de São Paulo na criminalidade urbana.

Erigido como algoz, principal responsável pela escalada da violência urbana e ao mesmo tempo como principal “vítima” de um processo de exclusão, marginalização e extermínio, o menor manteve-se no epicentro da desordem urbana a esse momento, sendo a



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

extenuação de seu processo de sujeição o que acabou por convertê-lo na figura potencial ou acabada do delinquente. TEIXEIRA, (2014:4)

De acordo com isto, a experiência social da juventude negra e periférica nas cidades brasileiras tem se dado a partir de lugares físicos e midiáticos entendidos enquanto “espaços de cidadania” que, por sua vez, mostraram-se enquanto arenas interacionistas, onde os diversos tipos sociais que constituem a cidadania (ou subcidadania) de nossa sociedade realizam e elaboram suas trocas, materiais, valorativas e simbólicas.

No que tange à interface entre modernidade e processos civilizatórios implicados, é necessário, portanto, discutir a modernização no Brasil, sobretudo, quando esta toca em problemas sociais históricos, tornando necessárias críticas acerca da reprodução da desigualdade em seus meandros e interfaces com marcadores de classe, raça, gênero e geração, dentre outros, que se perpetram a partir do “projeto ocidental”.

Em sociedades do Sul-global, periféricas e oriundas de processos de escravização de populações tradicionais, a exemplo do Brasil, os processos de modernização ocorrem com suas especificidades. Isto significa que os meandros através dos quais se engendram as formas de dominação entre os indivíduos e seus grupos são pautados pelo arcabouço e repertório de sentidos fornecidos pela experiência histórica colonial.

A sociologia nacional, por sua vez, possui estudos sobre a expansão do capitalismo, durante o regime militar (Ortiz, 1995, p.153), associando a disseminação de uma cultura popular de massa através do rádio.

De acordo com esta perspectiva, a experiência colonial e autoritária no Brasil, não se restringiu aos ditames coronelistas regionais. Desde o período regencial com a participação dos marechais, atravessando o momento histórico que data a República Velha, perpassando o Regime Militar que durou 21 anos e chegando aos dias atuais com a reinserção de militares na administração ministerial do Executivo Federal da atual



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

gestão, é notório que essas figuras estão inseridas no pressuposto civilizatório do Estado Brasileiro.

Estes pressupostos simbólicos e valorativos, constituem, portanto, o entendimento dos indivíduos com relação às noções elementares de norma e desvio, certo e errado, bom e mal, de modo que não por acaso os programas policiais no Brasil se relacionam diretamente com a experiência colonial de disciplinamento promovido pelo processo civilizatório ocidental implementado.

Nas reportagens televisivas com abordagem policial foi possível observar um apelo às figuras policiais que participam ativamente dos quadros do programa. Figuras sempre presentes nas situações-desvio, além do caráter coercitivo que assumem historicamente através da violência física praticada até os dias atuais, somam-se à violência de Estado impingida aos indivíduos à margem da cidadania e ao racismo institucional de um Brasil com recente passado escravagista.

Assim, diante do repertório colonial de concepções sobre os homens negros do Brasil, pois, a juventude negra e periférica destes adolescentes e jovens racializados que são – em um futuro próximo, os novos cidadãos e cidadãos negros da nação – giram em torno de todos os sentidos sobre desvalia, insucessos e tragédias humanas infinitas acumuladas durante séculos de escravização e extermínio dessas populações.

Autorreconhecimento na negritude

Os indivíduos inscritos na categoria *môfi*, por sua vez, confrontam a hostilização ocorrida nos espaços públicos fronteiriços – espaços que antagonizam *môfis* e não *môfis* – e, que diante do estereótipo que lhes é lançado, assumem a face identitária pela qual são reconhecidos.

Exibindo uma introspecção por vezes “marrenta”, buscando transparecer uma perigosidade que encontra eco nos juízos pré-moldados formulados e reproduzidos pelos



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

grupos hegemônicos, estes sujeitos performatizam um tipo social marcado pela violência apriorística associada aos môtifs, apesar de seus corpos franzinos, porém presentes no imaginário dos grupos hegemônicos com o reforço necessário à estigmatização.

Destarte, a constância e repetição do termo analisado na pesquisa diante de sua eficácia simbólica e enunciativa, no processo de interação intersubjetiva entre a juventude periférica e os programas policiais, observou-se que a representação moral dessa juventude repercute diretamente na sua formação identitária, de modo que se pode afirmar que esta identidade adquire enquanto característica uma natureza dual, formada, de um lado; i- pelos juízos morais formulados e reproduzidos pelos indivíduos não pertencentes ao grupo de indivíduos da juventude negra e periférica das cidades, e, de outro lado; ii- pelos juízos formulados pelos demais indivíduos inscritos na categoria moral criada.

A partir dos juízos morais negativos formulados, reproduzidos e emitidos pelos grupos hegemônicos televisivos a respeito da juventude negra e periférica das cidades, bem como às reações antagônicas de tais grupos diante da presença de indivíduos inscritos na subcidadania, simultaneamente, ao reforçarem o aprofundamento da segregação, acabam fazendo também com que os jovens de periferia, reforcem seus nichos de sociabilidade, identidade e autorreconhecimento a partir do lugar de social de estigmatização.

À esta produção de sentidos morais antagônicos em torno da representação depreciativa e promotora de segregação racial para com os jovens de periferia, atribuiu-se o cerne da tensão social existente entre esta juventude e os grupos hegemônicos. De onde surgem experiências de desrespeito, a luta social por reconhecimento desta identidade periférica se apresenta.

A partir da pesquisa supracitada, foi observado que alguns termos utilizados pelos empreendedores do grotesco se repetem através das publicações produzidas por estes jovens.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Gírias e chavões, apelidos como “Trakino”; “Jamaica” e “Koringa” fazem alusão ao seu universo simbólico rechaçado moralmente pela mídia de massa enquanto sinais de criminalidade, sob uma ótica positivada e de autoafirmação.

A afirmação de uma identidade calcada em uma condição de classe estigmatizada midiaticamente, mostrou-se em disputa elementos comuns com os ditames morais hegemônicos, como por exemplo, a exaltação da moda e de sua localidade periférica, o que configura, portanto, contraponto de autoafirmação e corroborando para disputar o conflito moral.

A formação do sentimento de pertencimento a um grupo social inscrito na juventude periférica de João Pessoa é precipitada pela difusão da figura de representação midiática mômfi. É que ao interagir com a figura midiática dotada de seus caracteres o indivíduo reage a si mesmo, vê-se enquanto objeto social em uma perspectiva excêntrica, iniciando o processo de autoidentidade.

Diante da discussão aqui proposta, observamos que as abordagens realizadas por policiais e repórteres dos programas mencionados, antecipam, a partir de categorias prisionais, a experiência carcerária e de morte na qual a ideia implícita é: “você não é um sujeito, você está morto”, o que pôde ser verificado por análise discursiva da fala transcrita. De acordo com os escritos acima, partiremos para outra seção do texto, de maneira que esta, por sua vez, se debruçará na relação entre os pressupostos civilizatórios da modernidade, racionalidade e colonialidade, com a produção de necropolítica para a juventude negra e periférica do Brasil.

Desdobramentos de colonialidade, racismo e necropolítica

Até o presente momento as experiências de desrespeito vivenciadas pela juventude urbana, negra e periférica, mostraram o desencadear de um sentimento de indignação



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

nos indivíduos que identificam, nestas situações, a violação da sua identidade como pessoa.

Na busca reflexiva pelas causas do desrespeito, atinam incipientemente que a base motivadora do desrespeito é o não reconhecimento deferente da moral por eles titularizadas. Essa percepção alimenta a indignação individual pela violação da sua identidade como pessoa e ao mesmo tempo indica que o desrespeito ocorre pelo fato de pertencerem a uma categoria. Resulta daí o fortalecimento da sua autopercepção identitária atrelada a uma noção de grupo. A consciência de que a experiência de desrespeito surge a partir do não reconhecimento da moral titularizada pelo seu grupo descola a indignação da esfera exclusivamente individual e promove uma percepção coletiva da questão, o que produz aproximação empática entre os indivíduos que padecem dos mesmos desrespeitos. Por essa dinâmica restará reafirmada a identidade da juventude periférica dentro da categoria *môfi* e o reconhecimento recíproco entre os seus membros pelos marcadores raciais da diferença na cidade, leia, sociedade.

No que condiz às explicações contemporâneas acerca do gerenciamento da violência, Mbembe (2018) dialoga com Arendt e Foucault, sobre o modo como o imperialismo, isto é, a moderna civilização ocidental é precursora dos campos de concentração nazistas, isto é, a expansão ampliação da política praticada no ocidente. Este ponto se relaciona com o trabalho de Fanon (1968) sobre a população não europeia entendida como incompletos de humanidade, caracterizando o que seria a desumanização dos corpos e do território através de delimitação de fronteiras, mapeamentos e proibição, ou seja, a invenção de uma estrutura destruindo outra, tanto no sentido físico como nos códigos de conduta, etc.

A análise do autor demonstra ressonância com os desdobramentos do processo de escravização dos africanos e seus descendentes no Brasil contemporâneo. O marcador racial, permanece e se perpetua, enquanto mecanismo de distribuição desigual de poder, mas, como marcador de uma necropolítica praticada através dos pressupostos da modernidade e da racionalidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Deste modo, torna-se importante refletir sobre o modo como a sociedade estrutura a normativa legal de extermínios de corpos negros. Com o aval de aparelhos e toda a tecnologia que a modernidade empreende, a necropolítica se torna o modelo político que empreende antagonismos, a exemplo dos empreendedores dos grotescos programas policiais contra os jovens de periferia – os mômfs, mencionados no início do artigo.

Arrogando pressupostos de exclusão que se calcam na herança de uma colonialidade racializada, a juventude e a masculinidade negra, de indivíduos geralmente animalizados, e historicamente destituídos de humanidade – tornam-se o inimigo ficcional, gerador de violência e morte a partir de mecanismos de segurança que padronizam, despersonalizam e eliminam este grande outro, que representa um atentado à existência dos demais.

Achille Mbembe enfatiza que hoje se mata mais rapidamente por meio de processos técnicos silenciosos e de *industrializações da morte*, de modo que a burocracia tem se tornado também, uma maneira sutil de extermínio.

Assim, os enunciados valorativos emitidos pelos meios de comunicação de massa dos programas policiaiscos, somam-se aos pressupostos técnicos da modernidade; da competição entre indivíduos que se capitalizam através das lógicas do mercado; do mérito; da racionalização do mundo da vida pelo sistema; pela ideia de progresso pessoal.

A reificação de processos de exclusão a partir do marcador racial, compõe este quadro analítico e se complementa, quando combinamos três correntes de compreensão, sendo estas: i- a produção de um repertório moral que corrobora para a conformação de um sentido social específico acerca de juventude negra e periférica do Brasil; ii- um repertório de signos e sentidos simbólicos e enunciativos que acionam elementos históricos de dominação a partir do critério racial; iii- a utilização desses mesmos critérios para a reprodução e reificação de formas atualizadas e modernas de dominação racial



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

de grupos estabelecidos, majoritariamente brancos, sobre os grupos étnicos e racializados.

Por fim, os elementos analíticos aqui trabalhados, lançam luz sobre um problema social e sociológico, estruturante e basilar, sobre a forma como as relações entre os grupos étnicoraciais se estabelecem na sociedade brasileira.

A modernidade, seus artefatos e engrenagens disfarçadamente atuam na contemporaneidade travestidas enquanto ferramentas neutras e ascéticas na composição da vida urbana, adentra a indústria do simbólico e coloniza os entendimentos da massa acerca dos sentidos morais da vida das pessoas negras, segregadas e estigmatizadas do país.

Deste modo, este trabalho buscou analisar processos de composição valorativa e simbólica dos processos de estigmatização e segregação urbana a partir do marcador racial, pela ótica da indústria cultural, e dos programas policialescos amplamente difundidos no Brasil.

Nesta perspectiva, foram constatados alguns processos que engendram raça e modernidade e que resultam na elaboração de justificativas morais, comunicacionais e estéticas sobre o extermínio e a necropolítica praticada sobre corpos juvenis e negros nas cidades brasileiras e pelo estado brasileiro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. (1985), **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

ADORNO, T. W. (2002) **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo. Paz e Terra.

ALMEIDA, Silvio Luiz de **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985. AGAMBEN, Giorgio. **O poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

AGIER, Michel. 2011. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa** / Danilo Angrimani Sobrinho. – São Paulo: Summus, 1995. – (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47)

AUGÉ, Marc. (1989), **Domaines et chateau**. Paris, Éditions du Seuil.

AUGÉ, Marc. (1992/2005), **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo: Huncitec, 2013.

BENJAMIN, Walter. (1985c). **Experiência e pobreza**. In: **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. (1985e). **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. (1985f). **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. (2000) **Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ Edusp.

ECO, Umberto (1998). **Apocalípticos e Integrados**. 5ªEd. São Paulo: Editora Perspectiva .

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v 1. ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992

FERNANDES, Florestan. 1965. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Cia Editora Nacional, São Paulo, 2 vols.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

- FELTRAN, Gabriel. **“Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo”**. 2014. Dossiê CRH: <https://www.scielo.br/j/ccrh/>
- FELTRAN, Gabriel. **“Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos”**. Revista Temáticas, ano15, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 (37ª edição)
- GIDDENS, Anthony. (1997), **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras, Celta Editora.
- GILROY, Paul. 2000. **Atlântico Negro**, São Paulo, Editora 34.
- GOFFMAN, Erving. (1988). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (2002). **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo, Editora 34.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. (2004). **Preconceito e discriminação**. São Paulo: Editora 34.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984
- HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do popular**. In. _____. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003. p. 248-264
- HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. São Paulo. Editora 34. 2003.
- ILLOUZ, Eva (2008) **Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture**. New York: Columbia University Press
- FANON, F. **Os condenados da terra**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5ª edição. 4ª reimpressão. São Paulo: Centauro Editora. 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17 n.49, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“Os circuitos dos jovens urbanos”**. Tempo Social, USP, vol17, n.2, 2005
- MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

MISSE, M. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Luperj. 2006. Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2005) **Medos Corriqueiros e Sociabilidade. João Pessoa-PB**. Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB. RUI, Taniele, 1982-R858c **Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack** / Taniele Cristina Rui. – Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 2012.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos afetos**. São Paulo: Autêntica, 2015

SOUZA, Jessé. (2009) **Ralé brasileira: quem é e como vive / Jessé Souza; colaboradores**. André Grillo. [et al.] — Belo Horizonte: Editora UFMG. SOUZA, Jessé. (2003). **A construção social da subcidadania: Para a sociologia política de uma modernidade periférica**. Minas Gerais: UFMG

SOUZA, Jessé. (2003). **Não reconhecimento, subcidadania ou o que é “ser gente”?**
In: Lua Nova, n.59.

SOUZA, Jessé. (2005). **Raça ou Classe? Sobre a desigualdade brasileira**. In: Lua Nova, n. 65.

Sites:

[\(100\) Enterrado corpo de jovem que foi assassinado ao cobrar dívida a amigo em Santa Rita - YouTube](#)

https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf

<https://diplomatique.org.br/o-estado-de-excecao-e-regra-geral/>